

O Massacre Americano-Israelense contra o Líbano

Gervasio Cezar Junior.

Há quem pense que a agressão militar desencadeada em julho último contra o Líbano é um fato novo, uma nova guerra que surgiu entre os “terroristas islâmicos” e o “movimento de pacificação israelense” (assim titulados pela comunidade imperialista e a grande imprensa neoliberal em geral).

Esta guerra se iniciou como um projeto norte americano chamado pela Casa Branca de “guerra contra o terrorismo”, lançado no final de 2001 com ataques ao Afeganistão. Um projeto que visa remodelar o mundo de acordo com os interesses financeiros e estratégicos do “mega-empresário” George W. Bush.

O fato é que Israel serve de marionete para o governo imperialista dos EUA implantar seus moldes no Oriente Médio, ao mesmo tempo que também age como agressiva potência imperialista no Oriente Médio.

Este massacre imposto ao povo libanês pelos exércitos americano-israelense se apoia no slogan de acabar com o terrorismo do mundo, mas o que realmente vemos são as forças de resistência do Líbano serem bombardeadas pelas armas americanas, tentando de todas as maneiras manterem-se vivos.

O interessante é assistir ao governo Bush dizer que não intervirá nesta guerra por ter problemas maiores a tratar com o Iraque e o Afeganistão. Primeiramente, se trata de uma guerra só, onde os EUA tentam tomar o controle do Oriente Médio. Em segundo lugar os Estados Unidos da América já intervêm há muito tempo nesta região, mandando forças bélicas ao Estado de Israel.

Um dos fatores para os Estados Unidos estarem diretamente ligados a esta guerra é sem dúvida pelo controle do petróleo na região. O plano central dos imperialistas americanos é a construção de um oleoduto, este cortaria ao meio o Oriente Médio e levaria petróleo do Mar Cáspio ao Mar Mediterrâneo, abastecendo assim todo o mundo ocidental.

Uma das perguntas talvez que possam surgir seria a do interesse de Israel na guerra. Israel estaria envolvido como um “robzinho” dos americanos também interessada no oleoduto e principalmente nas reservas de água que o Líbano possui, o qual já estariam em poder israelense.

O curioso é que esta guerra já havia sido prevista em 2001, assim como é prevista hoje uma regionalização da chamada “Guerra no Oriente”, onde mais cedo ou mais tarde o governo estadunidense passaria a ter controle total da área. A ação israelense fortalece o discurso de Bin Laden: "Eles vieram tomar sua terra e seus recursos; eles vieram desonrar suas mulheres e desgraçar sua cultura; eles vieram humilhá-lo em frente aos seus filhos e amontoar ignomínia sobre sua religião".

O fato é que esta figura chamada Bin Laden talvez não sirva como exemplo para nós todos, mas devemos analisar sua frase com extrema cautela, aliás será que não é isso mesmo o que está acontecendo no Oriente Médio, ou melhor, em todo o mundo?

Os terroristas que o imperialismo não cansa de mostrar

Rita de Cássia S. Kneib.

Depois da revolução iraniana, em 1980, as correntes islamitas radicais têm crescido muito no mundo muçulmano. Hezbollah e Hamas são algumas delas que vem sendo combatidas pelo imperialismo, mas que tem ganhado apoio no movimento de massas dos países muçulmanos. Conhecidas por todo ocidente como facções terroristas, são organizações de combate ao sionismo e ao Estado de Israel.

O Hezbollah, que é de origem xiita defende a liberação da Palestina e tem ligações com a Síria e o Irã. Por mais que tenha uma direção burguesa, combate o imperialismo. Tem eleito parlamentares no governo do Líbano, participando efetivamente da vida política desse país. Alvo do ataque israelense que afeta todo o Líbano, é um forte exército, mais bem equipado do que exército libanês. Mesmo sendo claro que o ataque israelense é dirigido ao povo árabe, e não ao Hezbollah, este tem sido um empecilho para o imperialismo norte-americano pôr suas garras sobre o Oriente Médio. Tudo isso sob as ordens de Nasrallah, que para muitos é um nacionalista e para tantos outros é um fiel combatente jihadista.

O Hamas atua na Palestina, e como o Hezbollah é um movimento de resistência a ocupação israelense. Tem como projeto a criação de um Estado islâmico, e hoje lidera o governo eleito através de vias democráticas da Palestina, quando tirou a Fatah do governo. Outro grupo fundamentalista e xiita é a Jihad Islâmica, mas essa se recusa a participar das eleições oficiais da Palestina. Já a Fatah é um grupo mais moderado em comparação aos outros, de caráter revolucionário, dirigiu o movimento de resistência palestina desde a fundação da OLP.

Assim, pode-se perceber que o objetivo desses grupos é de ordem religiosa, desafiando o mundo cristão e iluminista. De expulsar o inimigo, de defender o que é seu. Mesmo que suas vias de luta não sejam adequadas, pois acabam por matar inocentes, esses grupos são mal pintados pela visão imperialista ocidental e por seus rivais religiosos.

Intervenção da ONU no Líbano é para zelar pela PAZ?

Priscila Marchini Marins.

O papel da Organização das Nações Unidas (ONU) no Líbano, segundo a própria ONU, tem por finalidade evitar a guerra. Os países da União Européia se vêm na obrigação de fornecer a maior parte do novo contingente da ONU no Líbano. A força da ONU deve atuar ao lado de outros 15 mil soldados libaneses para vigiar a trégua entre Israel e o Hizbollah, que travaram uma guerra de 34 dias na região. Para evitar que os combates sejam retomados, a ONU autorizou o envio de 15 mil soldados ao Sul do Líbano.

Dentre os países que enviarão tropas, cada um possui interesse na região, em particular a França, pois a liderança francesa se explicaria pelo papel histórico da França no Líbano- depois da Primeira Guerra Mundial, a Liga das Nações deu aos franceses um mandato para governar o Líbano-, mas também porque a diplomacia de Paris quis, e conseguiu, um papel distinto na crise. Uma vez que os países da União Européia intervêm nesta região, estarão contribuindo para acirrar tensões e conflitos na região.

A legitimidade das Nações Unidas como um organismo que teria como função zelar pela paz internacional está sendo questionada na sua raiz - pois está favorecendo os interesses das grandes nações. No mundo conturbado de hoje, dominado pela violência, pelo avanço da tecnologia e da ciência, pela manipulação dos meios de comunicações, devemos zelar por um organismo internacional, que não seja subordinado aos interesses dos países imperialistas.

**Base norte-americana no Paraguai:
imperialismo sob a máscara do antiterrorismo**

Carlos Mauricio Trindade.

Uma grande polêmica abalou as relações internacionais e causou uma instabilidade diplomática entre o Paraguai e os países sul-americanos: a presença de uma base norte-americana com capacidade de alojar 16 mil soldados, radares de longo alcance e uma pista de pouso maior que o Aeroporto Internacional de Assunção como capacidade de pouso de grandes aviões de combate e transporte.

O Paraguai é acusado de abdicar de sua autonomia sobre assuntos de segurança interna, pois os EUA comandam e treinam tropas paraguaias e utilizam o argumento de uma força cooperada na luta contra o terrorismo e o narcotráfico. O governo paraguaio se defende e diz que apóia a luta contra o terrorismo e o narcotráfico e espera tratamento privilegiado dos norte-americanos, com a melhoria de sua economia e intercâmbio entre EUA e Paraguai.

Por trás da escolha norte-americana de quem é “bom” e “mau”, existem fortes indícios que apontam outros interesses no controle da região da tríplice fronteira; a proximidade das fronteiras bolivianas, há aproximadamente 200 Km, onde se localiza a maior reserva de gás natural da América; o aquífero guarani, a maior reserva de água subterrânea do planeta e a proximidade com a ITAIPU Binacional, cerca de 100 Km de Foz do Iguaçu, a maior hidroelétrica em operação no mundo que abastece 54% da energia consumida no Brasil.

Para camuflar seus interesses geopolíticos, a grande mídia internacional bombardeia a tríplice fronteira (Brasil, Argentina e Paraguai) com acusações sobre supostas ligações entre a colônia libanesa em Foz do Iguaçu e milícias que se opunham aos ataques israelenses no Líbano e Palestina, como o Hamas e o Hezbollah. “Um dos lugares mais sem leis do mundo e também um centro de terrorismo do Oriente Médio na América do Sul” acusa o jornal norte-americano New Yorker.

A colônia libanesa em Foz do Iguaçu conta com aproximadamente 12 mil libaneses e descendente, desses 800 estavam no Líbano e foram surpreendidas com a ocupação israelense. Isto se explica pelo fato de que os ataques israelenses começaram no período de

férias escolares brasileiras. Um ponto agravante é a ineficiência e descasos das autoridades brasileiras com relação aos brasileiros no Líbano.

Manifestações pela paz no Oriente Médio e contra a invasão e os bombardeios no Líbano mobilizam brasileiros, libaneses e descendentes de libaneses, mas não se deve esquecer que Israel é somente uma marionete dos norte-americanos, que por sua vez aperta o cerco em todas as frentes, até mesmo aqui, perto de nossas casas, se localiza uma base norte-americana com objetivo de assegurar sua influencia e domínio sobre a América e o mundo.

Uma Guerra Silenciada

Fernando Chlad.

Recentemente mais um conflito eclodiu no Oriente Médio, e não faltaram matérias em jornais e revistas para nos “informar” sobre isso. Aqueles que conhecem o principal valor da “ética” jornalista sabem que podem esperar qualquer coisa dela, inclusive uma defesa explícita de Israel, mesmo quando é feito um ataque completamente desproporcional e genocida, que parece mais preocupado em destruir as estruturas e o povo libanês do que dismantelar um grupo “terrorista” ou libertar o soldado israelense feito refém pelo Hizbollah, porém, o mais impressionante é que não foi bem assim que aconteceu... A mídia critica os ataques desproporcionais israelenses, enquanto mostra o terror vivido pelos libaneses, e, dentre tudo, o que mais assusta: não crucifica o Hizbollah, falando ainda de todo o suporte que ele concedeu à população libanesa que teve seus lares destruídos pela irracional ofensiva israelense. É nesse momento que nos perguntamos por qual motivo a imprensa deixou de lambar os pés de seu mestre e ídolo mor, os Estados Unidos, e, por consequência, o capacho deles, Israel, e a resposta é simples: porque todo o resto do mundo é contra essa guerra, especialmente contra a desmedida invasão israelense.

Apesar disso, imprensa é imprensa, e se ela não defende Israel é apenas para não ser acusada por grupos humanitários de defender a matança israelense, mas não hesita em ocultar deliberadamente fatos que poderiam promover um repúdio geral dos leitores contra Israel.

Quando se fala do início do conflito, a culpa sempre cai em cima do Hizbollah, pelo seqüestro do soldado israelense, porém nunca é mencionado que o objetivo desse seqüestro era negociar o soldado em troca dos civis presos por Israel, que rapidamente utilizou esse fato como uma desculpa esdrúxula para atacar o Líbano, dizendo ter como objetivo o soldado israelense, porém, com o tamanho da destruição causada, Israel se viu forçada a inventar uma desculpa nova, dizendo que o soldado não era mais a questão principal, mas sim a destruição da infra-estrutura do Hizbollah, porém a única coisa que ela conseguiu foi o ódio do povo libanês e o aumento do prestígio do grupo de resistência. Mas o mais alarmante está na ocultação dos atos mais desumanos de Israel, principalmente no que se

refere à algumas das armas utilizadas, como a bombas de fósforo branco, que corroem a pele até os ossos, não deixando qualquer chance de sobrevivência aos alvos, e que foram proibidas após a guerra do Vietnã, sendo seu uso permitido apenas em casos muito restritos, como iluminação de campo de batalha completamente desabitado. Mas talvez o pior de tudo seja o fato de que as evidências (por sinal, já comprovadas por muitos médicos) do uso de fósforo branco tenham sido encontradas em corpos de crianças, deixando bem claro qual o caráter da invasão israelense... E vale também lembrar das bombas de fragmentação, bombas com uma série de outros explosivos dentro, visando aumentar a área de impacto, só admitidas pela imprensa porque os próprios israelenses admitiram (inclusive justificando sua utilização), uma arma de extermínio, devido a sua pouca precisão e controle de detonação, cujo único objetivo é atingir o maior número possível de pessoas, acontecendo freqüentemente dessas bombas não explodirem na hora, tornando-se um perigo para a população.

O uso de tais armas é condenado por grupos de direitos humanos, por motivos óbvios, mas mesmo assim Israel continua ignorando a ONU e outras entidades (e países) que pedem pela paz, não se sabe se pelo prazer com a carnificina ou ordens de seu mestre, mas mesmo assim eles continuam levando o Líbano à ruína e acabando em dias com os avanços que o país levou anos, se não décadas, para conseguir...